

## OS TIPOS SOCIAIS DE *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

Lidiane da Silva GAMA (G-UFPA)

Orientador: Prof. Dr. Esequiel Gomes da SILVA (UFPA)

### Resumo

No século XIX, como um todo, mas especialmente nas duas últimas décadas ocorreram importantes transformações econômicas, sócias e políticas: passamos de uma forma de trabalho servil para a assalariada e de um regime monárquico para o republicano. No que se refere aos aspectos materiais, no começo do século XX, o Rio de Janeiro passava por uma grande reforma urbana, viabilizada pelo prefeito Francisco Pereira Passos. Todas essas mudanças tinham como propósito modernizar o país, colocando-o no mesmo patamar das nações europeias, como a França, o grande modelo de progresso e civilização. Apesar das transformações mencionadas, as mazelas e desigualdades permaneciam. Era esse o contexto em que vivia o escritor Lima Barreto, e que lhe serviria de inspiração para sua produção literária, da qual nos interessa o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em folhetim entre 1911 e 1914, no conceituado *Jornal do Comércio*, e editado em formato de livro, em 1915. Na obra em questão, o autor faz duras críticas àquele estado de coisas, por meio de personagens representantes de vários tipos sociais: a solteirona, os militares, os artistas populares, as noivas, aos funcionários públicos, etc. Nossa proposta é analisar o modo pelo qual o escritor configurou alguns destes tipos no romance em apreço, levando em consideração seus papéis na sociedade.

**Palavras-chave:** Pré-Modernismo. Lima Barreto. Triste Fim. Tipos Sociais.

### 1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em *Os bestializados* (1987), José Murilo de Carvalho analisa as consequências das transformações vindas com a proclamação da República e chama atenção para a fase turbulenta da primeira década do novo regime:

Grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural, que se gestavam há algum tempo, precipitaram-se com a mudança do regime político e lançaram a capital em febril agitação, que só começaria a ceder ao final da década (CARVALHO, 1987, p. 15).

Na então Capital Federal, em 1893 se deu a revolta da Armada, liderada por Custódio José de Melo. Em seguida, a revolta de Canudos, que embora tenha ocorrido no longínquo sertão baiano, agitava a cúpula administrativa do país no Rio de Janeiro. No começo do novo século, período que convencionou chamar *belle époque*, deu-se o famoso episódio da “Regeneração”, ou “bota-abaixo”, levado a efeito pelos “intocáveis” Francisco Pereira Passos (engenheiro responsável pela reurbanização da cidade), Lauro Müller (engenheiro responsável pela reforma do porto) e Oswaldo Cruz (médico responsável pelo saneamento). Da mesma época é a revolta da vacina, episódio em que as autoridades administrativas do país usavam de toda a arbitrariedade para conter os ânimos de uma população miserável e desassistida, que se insurgia contra a ordem vigente (CARVALHO, 1987, NEEDLELL, 1993, SEVCENKO, 1998).

Àquela época, pelas ruas do Rio de Janeiro e pelas rodas boêmias andava o jovem Afonso Henriques de Lima Barreto, que dividia o tempo entre o serviço burocrático na Secretaria da Guerra

e o trabalho intelectual na imprensa periódica. Dentre suas obras, está *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado inicialmente em folhetim, no renomado *Jornal do Comércio*, e posteriormente em formato de livro.

O romance se ambienta no Rio de Janeiro, no contexto da revolta da Armada e conta a trajetória de Policarpo Quaresma, modesto cidadão de aproximadamente quarenta anos, que trabalha como subsecretário no Arsenal de Guerra, desde sua pacata vida em sua residência, numa rua asfaltada de São Januário, ao lado da irmã, até o momento em que, acusado de traição pelo governo florianista, é preso e fuzilado. Tem como vizinho o general Albernaz em cuja casa reúne outros militares e o violeiro Ricardo Coração dos Outros. Em geral, são tipos arrivistas, que disputam “encarniçadamente um osso”, e medíocres, profissionalmente falando.

## 2 – ELES “DISPUTAVAM ENCARNIÇADAMENTE UM OSSO”

### 2.1 – Ricardo Coração dos Outros: trovador dos subúrbios

O personagem Ricardo Coração dos Outros entra no enredo logo nas primeiras páginas, para indicar uma ruptura nos hábitos de Policarpo Quaresma, depois de aproximadamente trinta anos. Como decide aprender a tocar violão, contrata-o como professor.

Não é sem pasmo, no entanto, que os membros da “alta sociedade” observam violeiro e instrumento entrarem em casa do major: “Um violão em casa tão respeitável!”. Ao perceberem que o major aprende a tocar o instrumento, a reação não é muito diferente: “Um homem tão sério metido nessas malandragens!”. A aquisição de um instrumento pelo subsecretário é vista como um “escandaloso fato” pela vizinhança, a ponto de a consideração de que dispunha diminuir consideravelmente, embora ele nem tenha percebido. A própria Adelaide adverte o irmão: “– Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro, um quase capadócio – não é bonito!” (BARRETO, 2001, p. 262). O irmão contra argumenta lembrando que modinha é a “mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede”. Além disso, era preconceito supor que todo violeiro fosse um desclassificado, dizia Quaresma. Ao menos no caso da irmã do major, como sua educação se fizera, “vendo semelhante instrumento entregue a escravos ou a gente parecida, não podia permitir que ele preocupasse a atenção de pessoas certa ordem” (BARRETO, 2001, p. 305).

Em que pese a visão negativa acerca do violão e, conseqüentemente, da profissão, o personagem tem seu orgulho e vaidade, como fica patente na situação em que Quaresma, sentindo-se cansado após cinquenta minutos de aula, pede-lhe que cante:

- Oh! Não tenho anda de novo, uma composição minha.
- Dona Adelaide obtemperou então:
- Cante uma de outro.

– Oh! Por Deus, minha senhora! Eu só canto as minhas. O Bilac – conhecem? – quis fazer uma modinha, eu não aceitei; você não entende de violão, “seu” Bilac. A questão não está em escrever uns versos certos que digam coisas bonitas; o essencial é achar as palavras que o violão e deseja (BARRETO, 2001, p. 269).

Apesar da recusa inicial, o violeiro acaba atendendo ao pedido do pequeno auditório e solta a voz. A pequena exposição lhe rende um convite para cantar na casa do general Albernaz, vizinho de Quaresma (268-269). Apesar de confessar ter se tornado um admirador das modinhas, na festa comemorativa ao pedido de casamento de sua filha Ismênia, “Ricardo não fora convidado porque o general temia a opinião pública sobre a presença dele em festa séria” (BARRETO, 2001, p. 283), sobretudo porque estaria presente a “alta sociedade” do subúrbio: o contra-almirante Caldas, o doutor Florêncio, engenheiro das águas, o major honorário Inocêncio Bustamante, o senhor Bastos, guarda-livros, e os parentes de dona Maricota, e “outras pessoas importantes”.

Ao se deparar com Olga, filha do imigrante italiano Vicente Coleoni e afilhada de Quaresma, o artista admira-se do fato de uma moça rica e fina conhecê-lo, e esboça contentamento:

Coração dos Outros encheu-se de um alvissareiro contentamento. A sua fisionomia minguada dilatou-se ao brilho do olhar satisfeito; sua cútis que era ressecada e de um tom de velho mármore, como que ficou macia e jovem. Aquela moça parecia rica, era fina e bonita, conhecia-o – que satisfação! Ele que era sempre um tanto parvo e atrapalhado, quando se encontrava diante das moças, fossem de que condições fossem, animava-se, soltava a língua, amaciava a voz, e ficava numeroso e eloquente (BARRETO, 2001, p. 279).

Após averiguar a extensão da sua fama, como quisesse exibir-se diante da jovem “rica”, “fina” e “bonita”, mostrando conhecimento sobre teoria da composição, Ricardo se queixa da injustiça de uma crítica a respeito de seus versos:

– Leu então os meus versos, não é minha senhora?  
 – Não tive esse prazer, mas li, há meses, uma apreciação sobre um trabalho seu.  
 – No *Tempo*, não foi?  
 – Foi.  
 – Muito injusta! – acrescentou Ricardo. – Todos os críticos se atêm a essa questão de metrificação. Dizem que os nossos versos não são versos... São, sim; mas são versos para violão (BARRETO, 2001, p. 278).

Ao confirmar que sua interlocutora lera uma crítica a respeito de seus versos, “há meses”, imediatamente o trovador aponta, de forma certa, o nome do jornal em que foi publicada, levando-nos a crer que seu trabalho não era habitualmente comentado na imprensa. Assim sendo, a fama não era tanta, como queria, ou imaginava, Ricardo.

Ao menos segundo o narrador, paulatinamente, o trovador teria se tornado “homem célebre pela sua habilidade de cantar modinhas e tocar violão”, e conquistado seu espaço em determinado segmento da sociedade:

Em começo, a sua fama estivera limitada a um pequeno subúrbio da cidade, em cujos “saraus” ele e seu violão figuravam como Paganini e a sua rabeca em festas de duques; mas, aos poucos, com o tempo, foi tomando toda a extensão dos subúrbios, crescendo, solidificando-se, até ser considerada como causa própria a eles (BARRETO, 2001, p. 266)

Figurar como o violinista italiano Niccolò Paganini nos “saraus” do pequeno subúrbio da cidade não significa necessariamente um elogio para o trovador. Pode ser apenas um indício do limitado conhecimento musical dos moradores, sobretudo porque na sequência, o narrador marca a diferença entre o público mediante o qual a carreira de Ricardo foi “crescendo, solidificando-se” e outra classe social, diante da qual o trovador e a sua viola, possivelmente, jamais figurariam como Paganini:

*É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, médicos com alguma clínica, de tenentes com diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo (BARRETO, 2001, p. 266, grifos nossos).*

Embora o narrador tenha sugerido que Coração dos Outros já possuía uma carreira sólida, sua instabilidade profissional é posta em evidência com o surgimento de um “crioulo” [...], “cujo nome começava a tomar força e já era citado ao lado do seu”. Sente sua “glória, produto de um lento e seguido trabalho de anos” ameaçada por ele (BARRETO, 2001, p. 306). O rival inesperado punha-se “assim diante dele com um obstáculo imprevisto na subida maravilhosa para a sua glória. Precisava afastá-lo, esmagá-lo, mostrar a sua superioridade indiscutível”. (BARRETO, 306). Encontra em Policarpo Quaresma o apoio moral e intelectual que precisava, inclusive para ajudá-lo a desafiar o rival e esmagá-lo numa polêmica que travaria por meio da imprensa.

Grande parte das indagações e reflexões acerca da incômoda situação é feita no local que sua condição de artista lhe permite pagar para morar: “uma pobre casa de cômodos de um dos subúrbios. Não era das mais sórdidas, mas era casa de cômodos dos subúrbios” (BARRETO, 2001, p. 320). Geralmente, para formar tais habitações, casas que mal dariam para abrigar uma pequena família, “são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade” (BARRETO, 2001, p. 320). O quarto alugado por Coração dos Outros “tinha o mobiliário mais reduzido possível. [...] uma rede de franjas de rendas, uma mesa de pinho, sobre elas objetos de escrever, uma cadeira, uma estante com livros; e, pendurada a uma parede, o violão na sua armadura de camurça” (BARRETO, 2001, p. 321).

Morando num local destinado “à população miserável da cidade” não admira que o famoso trovador dos subúrbios não dispusesse do vil metal necessário para custear uma passagem de bonde, no momento em que, sentindo-se sozinho, deseja visitar o major Quaresma, então no sítio “Sossego”. Para consegui-lo, recorre ao “respeitável militar” Albernaz, antigo vizinho do major.

Diferentemente dos demais personagens contemplados nesta análise, o “famoso trovador dos suburbanos” mostra-se um verdadeiro amigo, dedicado à família de Quaresma. Quando o major estava internado, Ricardo assumiu a incumbência de cuidar de sua aposentadoria. Na ocasião em

que estava preso, fez uma verdadeira peregrinação à procura de algum amigo que pudesse socorrer o amigo. O esforço foi em vão.

## 2.2 – General Albernaz: plácido, medíocre e bonachão

O general Albernaz, casado com dona Maricota, pai de cinco filhas – Ismênia, Quinota, Zizi, Lalá e Vivi – e um filho, o parasita Lulu, é um dos membros da “alta sociedade muito especial”, que só é “alta nos subúrbios”, onde Ricardo Coração dos Outros dispunha de certo prestígio.

Com palavras pouco lisonjeiras, o narrador fornece mais pistas deste segmento social que ocupa um lugar à margem do verdadeiro *high life*, como se costumava chamar a “melhor sociedade” no século XIX, mas que se considera como tal:

Fora dos subúrbios, na rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas (BARRETO, 2001, p. 267).

Se os membros da “alta sociedade dos subúrbios” minguam, desaparecem em outras partes da cidade, em seu habitat natural, oferecem festas, que se constituem como ocasião para ostentar elegância, afetar conhecimento e dar a si próprios uma importância que na verdade não possuem. Na casa de Albernaz, qualquer aniversário servia como pretexto para uma festa, de forma que ao fim do ano, contabilizavam-se aproximadamente trinta, excetuando-se as que aconteciam aos “domingos, dias feriados e santificados” (BARRETO, 2001, p. 272).

Contrariamente a Quaresma, que não consegue realizar o sonho de seguir a carreira militar, porque impedido pela junta de saúde, que o julgou incapaz, Albernaz consegue ingressar. Sua carreira, no entanto, existe muito mais no plano da imaginação e do discurso, sobretudo quando está em eventos sociais. Na verdade, nada fizera a serviço da pátria. Diante de sua incapacidade, seja do ponto de vista físico, mental ou intelectual, ao Exército não restou outra alternativa a não ser aposentá-lo, curiosamente com a alta patente de general, saindo-se, desta forma, melhor que seu vizinho:

O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante de ordens, assistente, encarregado disso ou daquilo, escriturário, almoxarife, e era secretário do Conselho Superior Militar, quando se reformou em general. Os seus hábitos eram de um bom chefe de seção e a sua inteligência não era muito diferente de seus hábitos. Nada entendia de guerras, de estratégia, de tática ou de história militar; a sua sabedoria a tal respeito estava reduzidas às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos (272).

Possivelmente, a reforma com a patente de general tenha sido adquirida por meio da bajulação e do apadrinhado. De qualquer forma, a máscara que lhe puseram não se encaixa em seu tipo:

O altissonante título de general, que lembrava coisas sobre-humanas dos Césares, dos Turennes e dos Gustavos Adolfos, ficava mal naquele homem plácido, medíocre, bonachão, cuja única preocupação era casar as cinco filhas e arranjar ‘pistolões’ para fazer passar o filho nos exames do Colégio Militar (272).

Seus esforços não são completamente em vão. Graças às festas oferecidas em sua casa, que significam uma oportunidade de atrair gente e, possivelmente, arranjar marido para as filhas, o militar reformado consegue seu intento. Ismênia torna-se noiva de Cavalcanti, embora seja abandonada logo depois, e Quinota casa-se com o bajulador Genelício. Na ocasião deste enlace matrimonial, vemos a luta do dedicado pai ser recompensada: “Lulu, o único filho do general, impava no seu uniforme do Colégio Militar, cheio de dourados e cabelos, tanto mais que passara de ano, graças ao empenho do pai” (BARRETO, 2001, p. 323).

Na festa comemorativa ao pedido de casamento de Ismênia, onde compareceram o contra-almirante Caldas, o doutor Florêncio, engenheiro das águas, o major honorário Inocêncio Bustamante, o senhor Bastos, guarda-livros, e os parentes de dona Maricota, e “outras pessoas importantes”, Albernaz dá mostras de sua grande contribuição no exército, especificamente na batalha de Curupaiti, na guerra contra o Paraguai:

- É mas tem seus percalços. Quando se está numa trapalhada, fogo daqui, fogo dali, morre um, grita outro, como em Curupaiti, então...
- O senhor esteve lá general? perguntou o convidado amigo de Genelício.
- Não estive. Adoecei e vim para o Brasil. Mas o Camisã... Não imaginam o que foi – você sabe, não é Inocêncio (BARRETO, 2001, p. 325).

O corajoso general segue contando a batalha, a partir das informações de outros oficiais, mas utilizando-se da primeira pessoa do plural (“nós caímos sobre os paraguaios”, “Atacamos com fúria”), ou seja, incluindo-se nos eventos narrados.

### 2.3 – Contra almirante Caldas: um parvo comandante de opereta

Da roda de reuniões de Albernaz também faz parte o contra almirante Caldas. Como aquele, é militar e fez uma “brilhante carreira”, porém na Marinha. Entenda-se a ironia porque, verdade seja dita, na força armada em que serviu, nunca realizou nada. Ao que tudo indica, não tinha grandes ambições profissionais, pois ao galgar o posto de primeiro-tenente, afastou-se da “roda dos camaradas”. Certa vez, quando já tinha galgado mais um posto na carreira, o de capitão-tenente, – possivelmente à custa de empenhos de terceiros e de bajulações – e recebeu a incumbência de comandar um navio, viu-se em palpos de aranha:

O contra-almirante era interessantíssimo. Na Marinha, por pouco que não fazia *pendant* com Albernaz no Exército. Nunca embarcara, a não ser na guerra do Paraguai, mas assim mesmo por muito pouco tempo. A culpa, porém, não era dele. Logo que se viu primeiro-tenente, Caldas foi aos poucos se metendo consigo, abandonando a roda dos camaradas, de forma que, sem empenhos e sem amigos nos altos lugares, se esqueciam dele e não lhe davam comissões de embarque. É curiosa essa coisa das administrações militares: as comissões são merecimento,

mas só se as dá aos protegidos. Certa vez, quando já era capitão-tenente, deram-lhe um embarque em Mato Grosso. Nomearam-no para comandar o couraçado “Lima Barros” (BARRETO, 2001, p. 51 [285]).

Para executar a ordem recebida, percorre os estados de Mato Grosso a Rio Grande do Sul, demorando-se um mês em Itaqui, “sem receber soldo e sem saber que destino tomar”, para então descobrir que o dito navio “tinha ido a pique durante a guerra do Paraguai”. A parvoíce lhe rende cadeia, submissão a conselho e mais algumas consequências desagradáveis para sua brilhante carreira:

Embora absolvido, nunca mais entrou em graça dos ministros e dos seus generais. Todos os tinham na conta de parvo, de um comandante de opereta que andava a cata de seu navio pelos quatro pontos cardeais. Deixaram-no “encostado”, como se diz na gíria militar, e ele levou quase quarenta anos para chegar de guarda-marinha a capitão-de-fragata. Reformado no posto imediato, com a graduação seguinte, todo o seu azedume contra a Marinha se concentrou num longo trabalho de estudar, leis, decretos, alvarás, avisos, consultas que se referissem a promoções de oficiais (BARRETO, 2001, p. 285-286).

Embora aposentado com uma patente muito mais acima do que merecia por sua atuação na Marinha, considerava-se injustiçado e todo seu empenho estava em redigir requerimentos e mais requerimentos, pedindo a modificação de sua reforma, sendo sempre indeferidos. Apesar de ter se tornado um “especialista em legislação militar”, visto que adquiria todo material necessário sobre o assunto, quando questionado por Inocêncio Bustamante a respeito de uma causa sua que corria na justiça, não soube responder e tentou sair pela tangente: “– Assim de pronto, não sei. Não é a minha especialidade o Exército, mas vou ver. – Isto também anda tão atrapalhado” (BARRETO, 2001, p. 286).

Embora com uma carreira militar que não se caracterizava por nenhum feito, não perdia oportunidade de se exibir, inclusive, usando uniforme. Foi convidado para padrinho de casamento de Quinota e Genelício, em cuja festa, apresentou-se com “um ar importante, marcial e navegado, ao mesmo tempo palaciano [...]”. Estava “irrepreensível na sua casaca de uniforme. As âncoras reluziam como metais de bordo em hora de revista e os seus favoritos, muito penteados, alargavam a sua face e pareciam desejar com ardor os grandes ventos do vasto oceano sem fim” (BARRETO, 2001, p. 323).

Ao andar pelas ruas da cidade, juntamente com o general Albernaz, no contexto das agitações políticas que culminaram com a revolta da armada, ocorre um episódio interessante, em que ambos têm oportunidade de mostrar “autoridade”:

Caminhavam com pequenos passos seguros, mas sem pressa. Pouco antes de saírem da quinta, deram com um soldado a dormir na moita. Albernaz teve vontade de acordá-lo: camarada! camarada! O soldado levantou-se estremunhado; e, dando-se com aqueles dois oficiais superiores, concertou-se rapidamente, fez a continência que lhe era devida e ficou com a mão no boné, um instante firme, mas logo bambeou.

– Abaixei a mão – fez o general. – Que faz você aqui?  
Albernaz falou em tom ríspido e de comando [...] (BARRETO, 2001, p. 351).

Com o fim da revolta na baía, vêm as decepções do almirante e de Albernaz. “O primeiro via fugir o seu sonho de comandar uma esquadra e a conseqüente volta para o quadro”; o segundo “sentia perder a sua comissão, cujos rendimentos faziam de forma tão notável melhorar a situação da família” (BARRETO, 2001, p. 397-398). Na verdade, não havia patriotismo. Melhor dizendo, o patriotismo era proporcional à esperança de conseguir algo em interesse próprio, como fica evidente neste trecho acerca de um destes bravos defensores da causa brasileira:

Caldas andava aborrecido, pessimista. O seu processo ia mal e até agora o governo não lhe tinha dado coisa alguma. O seu patriotismo se enfraquecia com o diluir-se da esperança de ser algum dia vice-almirante. É verdade que o governo ainda não organizara a sua esquadra; entretanto, pelo rumor que corria, ele não comandaria nem uma divisão. Uma iniquidade! (BARRETO, 2001, p. 378).

Diante da dificuldade encontrada na disputa do “osso”, a força, ou melhor, o patriotismo do combatente inevitavelmente arrefece.

#### **2.4 – Inocêncio Bustamante: o militar que fugiu de uma tela de Vitor Meireles**

Outra figura que merece destaque nesta análise é o major honorário Inocêncio Bustamante, que participava das mesmas rodas que o general Albernaz e o contra almirante Caldas.

Inocêncio Bustamante também tinha a mesma mania demandista. Era renitente, teimoso, mas servil e humilde. Antigo voluntário da pátria, possuindo honras de major, não havia dia em que não fosse ao quartel-general ver o andamento de seu requerimento e de outros. Num pedia inclusão no Asilo dos Inválidos, noutro honras de tenente-coronel, noutro tal ou qual medalha; e, quando não tinha nenhum, ia ver o dos outros (BARRETO, 2001, p. 286).

Como já esperava havia seis meses pela decisão de um requerimento seu, pedindo honras de tenente, aproveita a ocasião do jantar oferecido por Albernaz em comemoração ao pedido de casamento de Ismênia, para consultar Caldas sobre legislação militar, mas o “estudioso” não soube responder, porque o Exército não era sua especialidade.

Quando se juntam o general Albernaz, o almirante Caldas e o major honorário enchem de pasmo os “burgueses pacíficos, contando batalhas em que não estiveram e pugnas valorosas que não pelejaram” (BARRETO, 2001, p. 325). Alguns convivas ficam embevecidos, boquiabertos e invejosos “diante das proezas imaginárias daqueles três militares, um honorário, talvez o menos pacífico dos três, o único que tivesse tomado parte em alguma coisa guerreira” (BARRETO, 2001, p. 326). Contados pela boca do general Albernaz, “que nunca tinha visto a guerra, a coisa ficava edulcorada, [...], guerra de estampa popular, em que não aparecem a carnificina, a brutalidade e a ferocidade normais” (BARRETO, 2001, p. 326).



O “bravo militar” aparece comicamente descrito quando está pronto para servir a pátria, por ocasião da revolta da Armada, e se junta aos outros:

Trazia o seu velho uniforme do Paraguai, talhado segundo os moldes do guerreiro da Crimeia. A barretina era um tronco de cone que avançava para frente; e, com aquela banda roxa e casquinha curta, parecia ter saído, fugido e saltado de uma tela de Vitor Meireles (BARRETO, 2001, p. 353).

O aspirante à patente de tenente-coronel é responsável pelo comandando de um batalhão, do qual Quaresma fazia parte. O quartel, no entanto, funcionava num velho cortiço condenado pela Junta de Higiene: “Bustamante estava no seu cubículo, mais conhecido por gabinete, irrepreensível no seu uniforme verde garrafa, alamares dourados e vivos azul-ferrete. Com auxílio de um sargento, examinada a escrita de um livro quarteleiro” (BARRETO, 2001, p. 387). Seus interesses, no entanto, não estavam em coisas propriamente relativas à guerra, mas em papeis que, do ponto de vista prático, talvez de nada servissem:

Não havia quem como ele se interessasse pelos livros, pela boa caligrafia, com que eram escritos os livros mestres, as relações de mostra, os mapas de companhia e outros documentos. Com auxílio deles, a organização do seu batalhão era irrepreensível; e, para não deixar de vigiar a escrituração, aparecia de onde em onde nos destacamentos do seu corpo (BARRETO, 377).

Para dá mais importância a si próprio e ao batalhão que comandava, quando recebia alguma ordem, sempre falava que vinha do “Itamarati, do presidente, do chefe do supremo”, nunca do quartel-general nem mesmo do Ministro da Guerra (BARRETO, 2001, p. 387).

## 2.5 – Genelício: glória e orgulho do funcionalismo público

Genelício completa a galeria de tipos analisados neste texto. É pretendente a marido de Quinota, com quem deveras contrai núpcias. Estava na casa dos trinta anos, era empregado do Tesouro e, portanto, uma boa possibilidade de genro para Albernaz. Tanto assim que o general e dona Maricota, enchiam-no de festas. Dizia-se que ameaçava ter um grande futuro. No entanto, suas conquistas eram obtidas por meio da bajulação e do fuxico:

Não havia ninguém mais bajulador e submisso do que ele. Nenhum pudor, nenhuma vergonha! Enchia os chefes e os superiores de todo incenso que podia. Quando saía, remancheava, lavava três ou quatro vezes as mãos, até poder apanhar o diretor na porta. Acompanhava-o, conversava com ele sobre o serviço, dava pareceres e opiniões, criticava este ou aquele colega, e deixava-o no bonde, se o homem ia para casa. Quando entrava um ministro, fazia-se escolher como intérprete dos companheiros e deitava um discurso; nos aniversários de nascimento, era um soneto que começava sempre por – “Salve! – e acabava também por – Três vezes salve!” (BARRETO, 2001, p. 288-289).

De bajulação em bajulação, Genelício consegue uma transferência, graças à qual decidiu casar-se. Após o enlace, Albernaz gabava-se de ter casado a filha com um “rapaz formado, bem GAMA, Lidiane da Silva. Os tipos sociais de *triste fim de Policarpo Quaresma*. ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

encaminhado e inteligente”. A inteligência de que tanto o sogro se alegrava pode ser medida pela obviedade da frase (“A contabilidade Pública é a arte ou a ciência de escriturar convenientemente a despesa e a receita do Estado”) com que o bajulador encabeça a obra *Síntese de contabilidade pública científica*, pela qual recebeu um prêmio em dinheiro e o direito à publicação à custa do Estado.

Para atingir seus objetivos, utilizava-se de diversos instrumentos na arte em que era gênio:

Na bajulação e nas manobras para subir, tinha verdadeiramente gênio. Não se limitava ao soneto, ao discurso; buscava outros meios, outros processos. Um dos que se servia, eram as publicações em folhas diárias. No intuito de anunciar aos ministros e diretores que tinha uma erudição superior, de quando em quando desovava nos jornais longos artigos sobre contabilidade pública. Eram meras compilações de bolorentos decretos, salpicadas aqui e ali com citações de autores franceses e portugueses (BARRETO, 289).

Os companheiros de trabalho, possivelmente mais limitados do que o genro de Albernaz, tinham-no na conta de pessoa muito inteligente. Talvez por isso, achava-se essencial na repartição. Tanto assim que, mesmo no dia do velório da cunhada, Ismênia, não deixou de cumprir seu expediente:

Não lhe fora possível deixar de ir trabalhar; um serviço urgente fizera-o indispensável na repartição.  
– É isto, general – disse ele, não está lá o doutor Genelício, nada se faz... Não há meio da Marinha mandar os processos certos... É um relaxamento (BARRETO, 391).

Não deixa de ser interessante também um hábito cultivado “pela glória e orgulho do funcionalismo público”, o dito Genelício, hábito, aliás, mantido também pelos célebres militares Albernaz, Caldas e Bustamante, de comparecer às missas rezadas pelas almas de pessoas importantes, como políticos, não exatamente pela família do morto, mas pelas vantagens que poderiam adquirir, dentre elas, ao menos o nome publicado no jornal:

Genelício também viera; ele tinha o vício das missas das pessoas importantes, dos cartões de pêsames, dos cumprimentos em dias de aniversário. Temendo que a memória não lhe ajudasse, possuía um caderninho onde as datas aniversárias estavam assentadas e as residências também. O índice era organizado com muito cuidado. Não havia sogra, prima, tia, cunhada, de homem importante, que, em dia de aniversário, não recebesse os seus parabéns, e, por morte, não o levasse à igreja em missa de sétimo dia (BARRETO, 399).

No caso em apreço, tratava-se da missa de sétimo dia do senador Clarimundo, na qual havia “uniformes e cartolas e todos se comprimiam para assinar a lista de presença” (BARRETO, 2001, p. 398).

Quando Ricardo Coração dos Outros foi em busca de amigos influentes que pudessem ajudar Quaresma, que se encontrava preso, acusado de traição, encontrou o bajulador voltando da “missa da irmã da sogra do deputado Castro”. Nesta ocasião, como resultado de seu esforço

bajulatório, já ocupava o cargo de subdiretor do Tesouro e imaginava “meios e modos de ser diretor” (BARRETO, 2001, p. 406).

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo ou de outro, todos os tipos sociais configurados em *Triste fim de Policarpo Quaresma* “disputavam encarniadamente um osso”. Dos apresentados neste artigo, o mais humano, se é que podemos usar esta palavra para nos referir a seres de papel, era Ricardo Coração dos Outros, que efetivamente se preocupou com Policarpo Quaresma, tanto no período em que esteve internado na casa de saúde, quanto no momento da prisão. O osso disputado pelo trovador era o fama. Para atingir seu objetivo cogitou até a possibilidade de recorrer aos dotes intelectuais de Quaresma, que o ajudaria numa polêmica travada por meio da imprensa. Os demais desejavam galgar posições e patentes e obter privilégios para parentes. Com a construção dos personagens Albernaz, Caldas e Inocêncio Bustamante, o autor põe em xeque as duas forças armadas brasileiras, que abrigam militares inaptos para a defesa do país. Genelício representa o bacharel incompetente, que se considera superior aos simples mortais, mas que só consegue promoções à custa de bajulação. Com certa dose de comicidade, Lima Barreto internalizou em seu texto tipos da sociedade de sua época.

#### Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v 02
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 48. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006
- BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 5. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. V. 2. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. IN: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v 03
- MILLEK, Claudia Maria. Triste Fim de Policarpo Quaresma e o Homem da Cabeça de Papelão: uma análise sobre a construção do herói. Disponível em <<http://www.historia.ufpr.br>> Acesso em 25 de Abril de 2015.
- NEDELL, JEFFREY. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro da virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GAMA, Lidiane da Silva. Os tipos sociais de *triste fim de Policarpo Quaresma*. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões de progresso. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol 3.

SILVA, Cleidinalva Carneiro da. *Canaã e Triste Fim de Policarpo Quaresma: dois momentos de Representações do negro no Brasil*. Disponível em <<http://www.unifafibe.com.br>> Acesso em 25 de Abril de 2015.

